



## O nascimento de uma produção sociológica: os estudos de Hiroshi Saito sobre a imigração japonesa no Brasil (1947-1953)

Aline de Sá Cotrim<sup>1</sup>

Marcos Chor Maio<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao longo da sua vida acadêmica, o sociólogo brasileiro e imigrante japonês Hiroshi Saito (1919-1983) se consagrou como um dos principais especialistas em imigração japonesa e suas questões no Brasil. Porém, antes de se tornar um pesquisador e professor reconhecido no meio, Saito estudou na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), com professores estrangeiros e brasileiros fundamentais para a institucionalização das Ciências Sociais no país. À vista disso, o objetivo deste artigo é debater sobre alguns estudos do sociólogo em seus anos de formação na instituição, entre meados das décadas de 1940 e 1950, considerando os intelectuais e instituições que o influenciaram, além de analisar metodologias e conceitos aplicados em suas pesquisas.

**Palavras-chave:** Hiroshi Saito, Imigração japonesa, Assimilação.

1 Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - CPDOC (FGV) – Rio de Janeiro – Brasil - [adscotrim@gmail.com](mailto:adscotrim@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7991-5243>

2 Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro – Brasil - Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1B - [marcos.maio@fiocruz.br](mailto:marcos.maio@fiocruz.br). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5938-5705>

## **The birth of a sociological production: Hiroshi Saito's studies on Japanese immigration in Brazil (1947-1953)**

**Abstract:** Throughout his academic life, the Brazilian sociologist and Japanese immigrant Hiroshi Saito (1919-1983) established himself as one of the leading specialists in Japanese immigration and its issues in Brazil. However, before becoming a researcher and professor recognized in the field, Saito studied at the Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) with foreign and Brazilian professors who were fundamental for the institutionalization of Social Sciences in the country. That being said, the purpose of this article is to discuss some studies of the sociologist in his years as a student at the institution, between the mid-1940s and 1950s, considering the intellectuals and institutions that influenced him, in addition to analyzing methodologies and concepts applied in his research.

**Keywords:** Hiroshi Saito, Japanese Immigration, Assimilation.

### **Introdução**

Ao longo da sua vida acadêmica, o sociólogo brasileiro e imigrante japonês Hiroshi Saito (1919-1983) se consagrou como um dos principais especialistas em imigração japonesa e suas questões no Brasil. Por meio da publicação de inúmeros estudos, realização de palestras e cursos, organização de eventos, além de ministrar aulas em instituições universitárias, Saito se fez presente no meio acadêmico brasileiro, elucidando a importância da temática dos estudos japoneses para a compreensão das comunidades em que estes imigrantes estavam inseridos. Para além do seu papel como pesquisador e professor, quando a sua carreira já estava estabelecida, a sua formação acadêmica também é notória, contando com ensinamentos de professores estrangeiros e nacionais de renome e publicação de estudos inéditos para as Ciências Sociais brasileiras.

Um dos responsáveis pela apresentação da vida acadêmica para Saito, Willem lecionava na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), ao lado de outros cientistas sociais importantes para a institucionalização do campo das Ciências Sociais no Brasil, como Donald Pierson (1900-1995) e Herbert Baldus (1899-1970). Na ELSP, onde foi aluno, e posteriormente professor, Saito entra em contato com métodos de pesquisas, conceitos e teorias que dão sentido às suas experiências e de outros imigrantes no Brasil. Questões como o processo de assimilação e as dificuldades de inserção na sociedade brasileira são centrais em seus estudos.

Ao longo de seus vários trabalhos, Saito (1961) entende que a assimilação não significa a dissolução ou ausência de aspectos culturais, mas, sim, a criação de uma cultura com características de todas as culturas que tivessem envolvidas neste processo. O sociólogo demonstra em sua produção ter como prioridade em suas pesquisas a empiria e o compromisso social para que seus trabalhos contribuíssem com a sociedade ao seu redor, principalmente para a comunidade imigrante japonesa. Os trabalhos produzidos por ele e apresentados aqui trazem como solução para os problemas enfrentados pelos imigrantes a assimilação à sociedade brasileira, e destacam os imigrantes da segunda geração como já inseridos nesse processo.

Assim, o objetivo deste artigo é abordar estudos realizados pelo sociólogo brasileiro e imigrante japonês Hiroshi Saito (1919-1983) sobre a imigração japonesa no Brasil. Saito imigrou para o país em 1933, e, no início da década de 1940, conheceu o sociólogo alemão Emilio Willems (1905-1997), para quem trabalhou como informante e tradutor. Ao longo deste artigo, vamos analisar questões levantadas por Saito em alguns de seus estudos, em especial, a sua produção intelectual vinculada a Willems, em conexão com outros autores e ao seu trabalho como jornalista. O material trabalhado está vinculado à experiência pessoal de Saito e à preocupação com a integração do japonês no Brasil. Desta forma, este artigo se atém ao seu momento de contato inicial com a instituição onde estudou e com o campo da sociologia.

Inicialmente, faremos uma breve apresentação da trajetória de Saito, explorando o contexto do seu ingresso na ELSP. Em seguida, abordaremos a relação de Saito com Emilio Willems e Donald Pierson, de quem foi orientando, pensando as influências conceituais e metodológicas exercidas sobre o seu trabalho. Por fim, focaremos em dois artigos publicados por Saito, o primeiro em coautoria com Willems; e, o segundo, escrito de forma independente; considerando também alguns de seus artigos publicados no Jornal Paulista.

## O contato inicial com o mundo acadêmico: a sociologia da ELSP

No obituário de Hiroshi Saito, o sociólogo Oracy Nogueira, da USP, escreveu que a “formação especializada em Ciências Sociais transformou Saito de participante-observador em observador-participante do ambiente nipo-brasileiro, que se tornou seu principal campo de investigação” (Nogueira, 1984: 448). Isto é, o imigrante japonês e sociólogo brasileiro encontrou nas Ciências Sociais e nas pesquisas de campo explicações para problemas que ele (e seus familiares e amigos) enfrentava(m) desde que tinha(m) imigrado para o Brasil. A tensão

cultural, causada por diferenças de hábitos e costumes, principalmente, e o processo de assimilação, ou seja, de adaptação e inserção do imigrante à sociedade local, estimularam Saito, pessoal e academicamente, desde a sua entrada na ELSP até meados de 1983, ano em que veio a falecer, e influenciaram seus trabalhos sobre os imigrantes japoneses no Brasil.

Em 1947, Saito iniciou o curso de graduação em ciências sociais na ELSP, sob a recomendação de Emílio Willems. Naquele momento, ele já tinha interesse pelos estudos sobre a imigração japonesa no Brasil e estava à frente de uma “campanha visando neutralizar os maléficos efeitos” da sociedade secreta Shindô-Renmei<sup>3</sup>, tema do seu primeiro artigo acadêmico. Deu continuidade aos seus estudos na ELSP, realizando, entre 1954 e 1956, mestrado em Ciências Sociais, sob a orientação de Donald Pierson. No fim da década de 1950, fez o doutorado em Economia, na Universidade de Kobe, no Japão. Após, Saito iniciou sua carreira docente na ELSP, em 1960, atividade mantida até 1970, quando se tornou professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) (Castro, 1994).

A importância das pesquisas sociológicas da ELSP no campo acadêmico no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950, deve-se ao padrão de trabalho conduzido pela instituição. Esta tinha como foco a pesquisa de campo, utilizando métodos como observação participante, entrevistas, aplicação de questionários, além de técnicas de pesquisa, como entrevistas, aplicação de questionários e história de vida, e se destacava por fazer uma sociologia empírica, com o intuito de colaborar com o desenvolvimento da sociedade. O objetivo era desenvolver estudos que gerassem dados sobre determinada localidade e produzissem instrumentos que permitissem a elaboração mais eficiente de políticas públicas (Limongi, 1989).

As pesquisas de Willems e Pierson alimentaram o interesse de Saito pelo estudo dos imigrantes japoneses no Brasil desde o seu ingresso na ELSP. Em pedido de financiamento de pesquisa enviado a Cyro Berlinck<sup>4</sup>, então diretor da ELSP, Saito relata as pesquisas que teria realizado com Emílio Willems, de quem foi informante (tradutor e principal contato dentro da comunidade imigrante japonesa), e com Seiichi Izumi<sup>5</sup>, de quem foi assistente, e afirma a ausência de pesquisas sobre os imigrantes japoneses sendo realizadas no Brasil. Segundo

3 Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. Fundo Donald Pierson/Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp.

4 Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

5 Seiichi Izumi (1915-1970) foi um antropólogo japonês. Estudou na Universidade Imperial de Keijo (hoje, Universidade de Seul), na década de 1930, e, em 1952, veio ao Brasil, sob a tutela da UNESCO, para pesquisar a integração dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira.

Saito, uma das principais barreiras seria a questão linguística, pois não seria fácil encontrar intelectuais bilíngues. Contudo, a pesquisa de Izumi teria aberto novos horizontes para o estudo do imigrante japonês no Brasil. Ele reforça a questão fazendo suas as palavras de Tavares de Almeida e Arthur Ramos:

“A colonização japonesa no Brasil é ainda um assunto inédito” – e “nada se apurou das condições culturais e econômicas dos que aqui chegaram. Nem sequer os costumes, depois de fixados entre nós, foram estudados. Os debates que se travaram sobre o caso japonês, na discussão do dispositivo constitucional de 1934, que limitou a entrada de imigrantes, não saíram do campo político”. ([ALMEIDA, Tavares de] Oeste Paulista, [Rio de Janeiro, Alba, 1943] p. 156).

“O estudo do Japonês no Brasil oferece muitos outros ângulos (além dos já estudados) principalmente no vasto capítulo da sua assimilação social e política”. ([RAMOS, Arthur] Introdução à Antropologia Brasileira, [Rio de Janeiro, CEB, 1947] 2º v., p. 330).<sup>6</sup>

Tavares de Almeida, ao viajar pelo interior do estado de São Paulo, encontrou inúmeros imigrantes sobre os quais nada se sabia além do suposto perigo que representavam. Arthur Ramos (1947: 330-331) aponta que o pouco que se sabia, em geral, versava sobre alguns aspectos culturais relacionados à religião e sobre aspectos físicos das pessoas de origem japonesa. Ele critica que o preconceito em relação a esses imigrantes está relacionado a uma questão racial, por serem considerados “amarelos”, e de aversão política, por conta da Segunda Guerra Mundial (Ramos, 1947: 331). Saito utilizou os trabalhos desses autores para buscar legitimar a importância dos estudos por ele propostos, até então ausentes no Brasil.

Desse momento em diante, Saito pediu apoio institucional e material da ELSP para prosseguir com as pesquisas iniciadas por Willems e Izumi, solicitando a criação de um programa de pesquisa voltado para a aculturação de japoneses e seus descendentes no Brasil. Ele propôs três pesquisas: “estudos de comunidades japonesas, estudos de caso e estudos ecológicos dos imigrantes”. O primeiro projeto era voltado para famílias de imigrantes japoneses estabelecidas no Pará. Era um estudo realizado a partir de surveys, de longa duração (Saito sugere pesquisas com intervalos de três a cinco anos), que elucidaria aspectos sociológicos de comunidades isoladas. Os estudos ecológicos dos imigrantes, por sua vez, tratavam de pesquisas que continuariam o trabalho que ele tinha iniciado com Izumi junto a lavradores japoneses em contato com vizinhos

6 Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

brasileiros. Ambas as pesquisas tinham em vista identificar os níveis de isolamento e contato social dos imigrantes com os moradores locais; e entender como estavam se desenrolando os processos de integração desses estrangeiros aos novos ambientes. Os estudos de caso, por fim, basear-se-iam principalmente em entrevistas de histórias de vida, pois, segundo Saito:

Os velhos imigrantes, aqueles que vieram nos primórdios da imigração japonesa ao Brasil, vão envelhecendo ou desaparecendo rapidamente, sendo cada ano mais diminuto o número dos “sobreviventes”. Pois urge coligir e organizar uma série de life-history desses elementos preciosos enquanto é possível. Uma vez organizada essa série de life-history mediante a adoção de uma metodologia apropriada, poderia ser feita sua análise em função da comparação com life-histories de seus filhos e netos. Um tipo de estudo que ainda não foi tentado com outros imigrantes, e que talvez poderia proporcionar a nós muitos ensinamentos acerca do complicado mecanismo de aculturação.<sup>7</sup>

Este último modelo de estudo se baseia, portanto, na utilização de uma metodologia específica, bastante utilizada nas pesquisas sociológicas da Universidade de Chicago. A técnica é indicada no manual de Sociologia elaborado por Pierson (1964 [1945]) como um dos instrumentos para a elaboração de pesquisas empíricas. Além disso, *life-stories* foi amplamente utilizada, por exemplo, no trabalho *The Polish Peasant*, de Thomas e Znanieck, a fim de compreender como se deu o processo migratório de poloneses para os Estados Unidos (Lopes, 2012). No Brasil, a técnica também foi utilizada para compreender como se dava o processo de inserção dos imigrantes à sociedade local, como percebemos nos comentários de Saito em carta para Cyro Berlinck, então diretor da ELSP.

Também em correspondência, desta vez com Anísio Teixeira, à época, Secretário-Geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES), Saito ressalta a importância de se investigar o processo de assimilação dos imigrantes, em especial dos japoneses, que ainda contava com literatura limitada sobre o tema. Para ele, estudar esses grupos específicos de estrangeiros seria importante “não só para o maior conhecimento dos problemas de assimilação no Brasil, mas também para a maior compreensão de outros grupos humanos”<sup>8</sup>. Portanto, pesquisar o imigrante ajudaria a compreender a sociedade como um todo. Além disso, entender os processos de interação entre diferentes grupos e a inserção dos estrangeiros seria entender

7 Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

8 Carta de Hiroshi Saito a Anísio Teixeira. 10 de setembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

também o processo de mudança social pelo qual o Brasil passava, causado tanto pela presença desses estrangeiros como pela modernização do país.

Saito, de modo distinto de alguns grupos dentro da comunidade imigrante japonesa, como veremos no caso da Shindô-Renmei, era a favor da assimilação dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. Isso significava que ele acreditava ser positivo para o imigrante se adequar aos costumes locais, por questões econômicas e sociais, sem cancelar os elos com a cultura de origem. Para ele, deveria haver um balanço entre as duas culturas (Saito, 1961).

Ademais, a sua defesa da assimilação não se limitava aos artigos acadêmicos. Seu ativismo está presente nos artigos publicados na imprensa dirigidos à comunidade japonesa no país, principalmente no *Jornal Paulista*, na década de 1940. O jornal tinha por objetivo ser um organismo de “integração à grande família brasileira”, que “se propunha a representar uma reação crítica à expansão do ultranacionalismo japonês, ao defender abertamente a integração à sociedade e cultura brasileira como forma de ascensão social dos japoneses e de seus descendentes no país” (Taniguti, 2015: 202). Dessa forma, o jornal combatia o preconceito racial, lutava pela afirmação da população japonesa na sociedade local e defendia a integração como alternativa ao ultranacionalismo. Saito passou cinco anos na redação do jornal e seus artigos no periódico demonstram preocupações, como disputas geracionais e a não aceitação da língua portuguesa entre os imigrantes japoneses, questões estas que também aparecem nos seus trabalhos acadêmicos (Cotrim, 2016).

## A influência de Emilio Willems e Donald Pierson sobre as pesquisas de Hiroshi Saito

As pesquisas realizadas por Saito sofreram a influência de Emílio Willems e Donald Pierson. O primeiro realizou inúmeros estudos sobre processos de assimilação em comunidades imigrantes; Pierson exerceu um importante papel na difusão da Escola Sociológica de Chicago, na realização de estudos de comunidade<sup>9</sup> e no desenvolvimento das ciências sociais no Brasil. A instituição norte-americana teve importante influência no ensino da sociologia empírica

---

9 Segundo Maio, Oliveira & Lopes (2013: 246), os estudos de comunidade se constituíram num “modelo explicativo da sociedade com base em múltiplas investigações empíricas, circunscritas espacialmente, de populações rurais. Seu enfoque recaiu sobre o processo de mudança em contextos sociais marcados pela tradição. Trata-se de uma abordagem que remonta aos trabalhos de cientistas sociais norte-americanos, como Robert e Helen Lynd (Middletown), Warner Loyd (*The Social Life of a Modern Community*) e Robert Redfield (Tepetzlan, a Mexican Village: A Study of Folk Life). Em termos metodológicos, os estudos de comunidade refletiriam o deslocamento, para sociedades complexas, de métodos caracteristicamente utilizados pelas pesquisas etnográficas nas denominadas sociedades primitivas.”

na ELSP, mas também ao buscar tornar inteligível os processos de mudança social (Maio & Lopes, 2015).

O livro de Willems *Assimilação e Populações marginais no Brasil* (1940) permite a compreensão de conceitos-chaves que serão apropriados por Saito. Os conceitos de “assimilação” e “aculturação” são densamente discutidos, sendo o primeiro definido em função das mudanças na esfera social de um indivíduo, com quem se relaciona, por exemplo, e o segundo, na esfera cultural, os hábitos que adquire (Willems, 1940: 17). Willems critica a ideia de haver “representantes da espécie humana inassimiláveis”, visto que, por existir uma dimensão sociológica, toda cultura implica a possibilidade de assimilação. Isto é, os seres humanos são produtos de interações sociais, sendo capazes de apreender novos hábitos e comportamentos. Tanto essas preocupações como a busca em verificar a dinâmica da assimilação dos imigrantes estão presentes no estudo de Willems ao abordar a história da imigração germânica para o Brasil, as principais motivações, dificuldades iniciais e processos de adaptação.

*Assimilação e Populações* foi a principal fonte inspiradora para o conjunto de pesquisas levada a efeito por Saito, especialmente na análise das experiências imigratórias no Brasil. Ambos os pesquisadores abordam o processo de assimilação, buscando identificar as dificuldades, ressaltando os conflitos geracionais, as diferenças linguísticas e as adaptações biológicas (alimentação e doenças). Willems (1940: 204) destaca, por exemplo, que a língua portuguesa seria um símbolo da cultura urbana entre os imigrantes no Brasil, pois, somente quando se mudavam para as cidades é que tinham mais contato com brasileiros e dominavam o idioma local. Além disso, a migração para a cidade alterava hábitos relacionados a vestimentas e comportamentos (passava-se a frequentar bailes e cinemas), por exemplo. Assim, o estudo de Willems nos mostra, tal como os que Saito produziu posteriormente, como os hábitos culturais dos imigrantes se alteraram com o tempo, especialmente os dos jovens, que teriam mais vontade e necessidade de se assimilar ao Brasil.

Além da influência dos estudos de Willems sobre as pesquisas de Saito, é possível perceber também os ensinamentos de Pierson em seus trabalhos. Métodos, teorias e conceitos originados em Chicago estão presentes nestes, especialmente no que concerne ao foco na pesquisa empírica e ao uso de conceitos como “assimilação”. Pierson foi orientador de mestrado e um entusiasta das pesquisas de Saito sobre a imigração japonesa no Brasil. Por isso, vale a pena se deter brevemente na história da ELSP no contexto dos anos 1940 pensando na singularidade de Pierson, assim como suas pesquisas foram influenciadas pelas práticas e conceitos da Escola Sociológica de Chicago.

Quando foi criada, em 1933, a ELSP contou com o apoio de diversos intelectuais e empresários em um contexto que se buscava a realização de pesquisas que resultassem em sugestões para superar os problemas sociais, para se alcançar a modernização do aparato estatal e para encontrar alternativas econômica, social e política. De acordo com Ângelo Del Vecchio (2009: 13), a fundação da ELSP se destaca por “constituir-se no primeiro centro de formação sistemática de sociólogos no país” e, “sobretudo, por conceber e desenvolver essa formação através da forte associação desse mesmo ensino à pesquisa aplicada”.

Inspirada na Escola Sociológica de Chicago (Maio; Lopes, 2012; Simões, 2009; Nova, 1998, Oliveira, 1995), a instituição organizou cursos letivos, conferências em séries ou avulsas sobre assuntos da atualidade, aulas práticas, publicações impressas para divulgação dos trabalhos realizados, uma biblioteca especializada em Ciências Sociais, um movimento de intercâmbio com instituições estrangeiras e bolsas de estudo e estágios (FESPSP, 1940). Ademais, contratou professores estrangeiros, como Willems e Herbert Baldus, e Pierson.

Pesquisas realizadas em Chicago sobre problemas da urbanização e da diversidade étnico-racial se voltavam para os temas da integração e imigração, sobretudo com a adaptação dos imigrantes europeus à sociedade norte-americana (Eufrásio, 1999; Valladares, 2005). O contexto de modernização, mudanças sociais, conflitos raciais e imigração geraram uma série de subsídios às pesquisas empíricas realizadas na instituição e o desenvolvimento de conceitos como “assimilação” e “marginalização”, além de “atitude” e de “valores sociais” (Nova, 1998).

Estudos baseados na Escola Sociológica de Chicago chegam ao Brasil entre as décadas de 1930 e 1940, sobretudo quando Donald Pierson começa a lecionar na ELSP, em 1939, após ter sido orientado por Robert Park. Pierson cria um programa de pós-graduação, novidade no Brasil até então. Foram contratados três professores doutores: Donald Pierson, Herbert Baldus e Emilio Willems (FESPSP, 1942).

Além da criação da Divisão de Estudos Pós-Graduados na ELSP, Pierson assume diversas iniciativas na esteira da tradição acadêmica americana presente em Chicago, como: pesquisas etnográficas em grupo, possibilidade de realização de cursos de pós-graduações no exterior, publicações em revistas e livros, criação de uma revista científica e financiamentos para investigações. Insistindo na importância do treinamento e da formação dos sociólogos profissionais, Pierson incentivava pesquisas de natureza etnográfica, ou seja, “a fidelidade máxima à realidade empírica, à precisão e ao rigor na observação e descrição de fenômenos” (Pierson, 1987; Massi, 1989: 449).

Outra novidade que aparece no campo sociológico brasileiro neste momento é a criação de um meio de divulgação desses métodos e teorias para alunos e professores de Ciências Sociais no Brasil: a revista *Sociologia*, na qual Pierson publicava frequentemente e, em especial, na década de 1940. Ao analisar a publicação, Alves (2015) identifica que um dos temas tratados por Pierson e Willems eram os estudos de assimilação. Os processos de “assimilação” e “aculturação” permitiriam compreender a formação de uma organização social coesa e estruturada. O processo de assimilação, por exemplo, era a forma pela qual os valores e as atitudes de uma comunidade eram adotados por outra comunidade, e, em geral, estava relacionado aos estudos sobre imigrantes, que valorizavam a sua contribuição cultural para a emergência de uma nova composição étnica. Desse modo, a assimilação, em geral, estaria associada a algo positivo e à construção de algo diferente do existente.

Pierson já havia demonstrado interesse pelo tema da assimilação dos imigrantes japoneses em sua tese de doutorado. Na ocasião, quando afirmou que a “oposição feita alguns anos atrás à imigração japonesa para São Paulo parece que foi motivada, em grande parte, pela apreensão de que os japoneses constituíssem um grupo de difícil assimilação” (Pierson, 1945: 416). A seu ver, o problema racial no Brasil não se dava porque os imigrantes japoneses nas primeiras décadas do Século XX resistiam à assimilação, mas porque havia resistência e segregação da população local ao receber esse grupo – segregação esta que ele já havia percebido na década de 1930, ao estudar a relação entre negros e brancos na Bahia para seu trabalho de tese de doutorado (Maio; Lopes, 2017).

Saito fez inúmeras pesquisas, a fim de compreender o processo de assimilação dos imigrantes japoneses no Brasil, inspirando-se em técnicas divulgadas por Pierson em seu *Teoria e Pesquisa em Sociologia* (1964[1945]) e na metodologia dos estudos de comunidade. A dissertação de Saito *O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural* (1956), foi orientada por Pierson e publicada em formato de cinco artigos na revista *Sociologia*, entre 1954 e 1955, e, posteriormente, como livro.<sup>10</sup>

O primeiro artigo possui uma apresentação de Pierson, na qual o sociólogo analisa o estudo de Saito. Na apresentação, ele afirma que:

---

10 A relação de Pierson e Saito pode ser observada por meio da correspondência que trocaram por mais de 30 anos e na forma como o aluno fazia suas pesquisas. Nestas cartas, percebemos uma intensa relação de trocas e orientações, em especial de leituras e contatos por parte de Pierson para com Saito. O orientador, por exemplo, sugere a leitura do trabalho *The Polish Peasant in Europe and America*, de Florian Znaniecki and William I. Thomas (da Universidade Chicago), publicados entre 1918 e 1920 Carta de Donald Pierson a Hiroshi Saito. 16 de dezembro de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

O estudo da assimilação é tanto de valor prático, para o país em questão, como de proveito para o desenvolvimento da teoria sociológica. Quanto a esta, o estudo da assimilação (e da migração e acomodação que lhe são associadas) nos oferece meios de compreender melhor a integração e desintegração grupal, ocasionadas pela migração de indivíduos que, desligando-se dos seus grupos originais, vem a incorporar-se a grupos novos no país adotivo. Ao mesmo tempo, os migrantes levam consigo aquilo que podemos chamar de “bagagem cultural”, de modo que se processa, mui naturalmente, e transplantação de traços e complexos que, de acordo com as circunstâncias, ou desaparecem mais cedo ou mais tarde, ou passam a substituir fenômenos equivalentes no novo país, ou ainda podem ser incorporados à cultura deste, sofrendo no processo, modificações mais ou menos profundas (Pierson, 1954: 248).

Pierson destaca a influência da “bagagem cultural” do imigrante no seu processo de assimilação, conceito também utilizado por Saito (1956; 1961). Trata-se de um fenômeno que se refere às características da cultura de origem que influenciam a personalidade do indivíduo e que podem determinar a sua adaptação ao novo contexto social. Os traços da cultura japonesa identificados por Saito entre os imigrantes podem definir como eles se organizam economicamente perante a sociedade brasileira, como em cooperativas, por exemplo, assim como a adaptação alimentar, na qual se substitui ingredientes que possam ser de mesmo valor nutritivo, “equivalentes”. Essa compreensão do processo de assimilação difere da interpretação clássica de que ela implicaria cancelar a cultura de origem (Truzzi, 2012). Tanto Pierson (1954) como Saito (1961) defendem a existência de uma variedade de culturas que estão em permanente processo de interação e adaptação.

No segundo parágrafo da apresentação do artigo de Saito, Pierson ressalta a importância em se pesquisar os imigrantes japoneses como até então, tinham sido pesquisados, principalmente, por Willems, Seiichi Izumi e Saito. Sob a coordenação de Pierson, Saito estava realizando três estudos sobre assimilação e acomodação destes imigrantes. De acordo com um relatório de atividades de Saito, uma desses trabalhos seria o seu tema de pesquisa de mestrado, cuja denominação é “estudo de transplantação cultural”, e que se referia aos imigrantes japoneses trazerem uma determinada característica da cultura de origem, como o funcionamento do cooperativismo, para o meio rural brasileiro<sup>11</sup>.

11 Carta de Hiroshi Saito a Anísio Teixeira. 10 de setembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

A pesquisa em questão é a que resulta na dissertação de mestrado de Saito e teria começado em 1953, possuindo três fases: trabalho de campo (com a realização de muitas entrevistas individuais e coleta de dados); registro dos dados em fichários; e elaboração dos dados (análise e escrita do texto). Ele ainda informa que planejava a conclusão do estudo para o semestre seguinte, de modo a “esclarecer muitos aspectos sobre a introdução de novos padrões culturais e consequente modificação do nosso meio rural”.

A pesquisa deu origem ao livro *O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural* (1956), que possui uma introdução de Donald Pierson e uma segunda edição de 1964. O livro é constituído por um conjunto de entrevistas com imigrantes vindos do Japão, análise de dados censitários e levantamento de documentação histórica. Ao investigar a maneira como o cooperativismo foi introduzido pelos japoneses na sociedade brasileira, com a criação da colônia japonesa de Cotia (SP), ele analisa o sistema de cooperativismo no Japão, tratando-o a partir das condições de estabelecimento dos imigrantes após a chegada ao Brasil; das relações com os moradores locais da região de Cotia; das mudanças dos padrões culturais e da elaboração de um histórico da implantação da cooperativa. Na segunda edição do livro, permanece o interesse com as mudanças sociais na comunidade, a exemplo das inovações agrícolas, o crescimento da região e a progressiva integração dos japoneses e seus descendentes ao contexto nacional.

Dois processos que embasavam as interpretações das sociedades entre as décadas de 1940 e 1950 estão presentes no trabalho de Saito: o primeiro está relacionado à modernização, percebida em geral pela mudança social, enquanto o segundo diz respeito à assimilação, ao contato de culturas distintas. Como muitas vezes a própria modernização era um resultado da assimilação, os processos estão frequentemente inter-relacionados, mas os conceitos acionados e as lógicas inerentes a ambos são distintas. A modernização diz respeito à maior capacidade de intervenção produtiva na natureza, associada a novas formas de organização social (Domingues, 1999), como o cooperativismo, por exemplo. A assimilação ocorre quando há duas culturas – a japonesa e a brasileira, no caso da pesquisa de Saito – que interagem e trocam características e comportamentos culturais, gerando uma nova cultura (sendo uma hegemônica) (Balduz; Willems, 1939; Saito, 1961).

Influenciado pelas obras de Willems (1940) e Park e Burgess (2014), Saito busca entender, por meio da introdução do sistema de cooperativas no Brasil, segundo moldes culturais japoneses, como se deu o contato dos imigrantes com os moradores locais. Dessa forma, a assimilação do imigrante japonês é

compreendida por Saito, supondo uma fase inicial conflitiva com a chegada do grupo estrangeiro, em que as diferenças podem levar a momentos de tensão, seguidos de um entendimento entre os grupos por meio de diversas formas de negociação que permitem a integração e incentivam as trocas culturais.

O tema da assimilação aparecerá em outros trabalhos de Saito, inclusive anteriores à pesquisa sobre o cooperativismo, como o seu estudo sobre as altas taxas de suicídio entre os imigrantes japoneses, com base na interpretação de Park (Park; Burgess, 2014), que o entende por meio de quatro etapas. A primeira, a competição, é a “luta pela existência”, cotidiana, que passa despercebida na maior parte do tempo. Em momentos de crise, quando os indivíduos estão conscientes das diferenças e da necessidade de busca pelo controle das condições de sua vida, surgem os conflitos (Park; Burgess, 2014). A mudança da competição para o conflito pode ser descrita como um momento de mudança social e política, como nas guerras, em que possíveis acordos e produção de consensos podem chegar ao estágio da acomodação. Esta etapa “é o processo através do qual os indivíduos e grupos fazem os ajustes internos necessários para as situações sociais que foram criadas pela competição e conflito” (Park; Burgess, 2014: 131), estabelecendo um novo *modus vivendi*. A assimilação, último nível do processo, implica mudanças mais profundas na sociedade, levando à transformação gradual das personalidades sob o contato mais íntimo e concreto (Pierson, 1964; Park; Burgess, 2014).

Dessa forma, com este processo de assimilação em vista, assim como as metodologias para pesquisa ensinadas na ELSP, como métodos de observação participante e técnicas, como entrevistas, questionários e história de vida, a partir daquilo que foi trazido de Chicago, com diversas interfaces entre a sociologia e a antropologia, analisaremos a seguir dois estudos de Saito, com o intuito de perceber os marcos teóricos e metodológicos que influenciaram os primórdios da produção do sociólogo.

O primeiro artigo é *Shindô-Renmei: um problema de aculturação*, publicado em 1947, escrito em coautoria com Willems, trata da associação secreta Shindô-Renmei. O segundo, *O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo*, publicado em 1953, trata de casos de suicídio entre os imigrantes japoneses no Brasil. Ambos os artigos estão inseridos no imediato pós-Segunda Guerra Mundial, quando a presença dos japoneses não era bem vista no Brasil e buscava-se argumentos em defesa de sua permanência no país (Schpun, 2009; Dezem, 2000).

## A experiência da Shindô-Renmei como resistência à assimilação

*Shindô-Renmei: um problema de aculturação* (1947), publicado na revista *Sociologia*, analisa a formação da sociedade secreta Shindô-Renmei no seio da colônia japonesa no Brasil. Com base em entrevistas com membros da associação, análise da documentação e observação participante para entender a lógica do funcionamento da organização, Willems e Saito analisam como a dinâmica do processo migratório e do contexto específico da Segunda Guerra Mundial levaram à criação do Shindô-Renmei e ao seu fortalecimento.

Os autores iniciam o texto refletindo sobre o processo de assimilação, que seria a “mudança de hábitos profundamente enraizados”, e seus impactos, afirmando que “migrações entre meios culturalmente diferentes suscitam, invariavelmente, o problema da reorganização social dos imigrantes” (Willems; Saito, 1947: 133). É esperado que haja problemas e conflitos ao longo do processo migratório, pois a transição de uma cultura para outra seria vista como algo fora do padrão, que não segue as regras pré-estabelecidas. Além disso, a preservação ou defesa da cultura de origem é considerada normal, e constitui uma questão de sobrevivência para muitos imigrantes, uma vez que o choque cultural, social e mental do ato de imigrar geraria um enorme impacto sobre o indivíduo (Willems; Saito, 1947: 133).

Nesse sentido, o abandono de uma cultura com a qual se está habituado produz conflitos mentais e, nas palavras dos autores, “a assimilação se compara a uma operação muito dolorosa, muito demorada e feita sem anestesia” (Willems; Saito, 1947: 133). Sendo assim, seria observado como normal, num grupo de pessoas, ter pessoas contra e a favor da assimilação, pois, ao mesmo tempo que ela é necessária para a adaptação ao novo meio, ela também gera conflitos em todos os níveis da vida do imigrante. Uma das reações contrárias ao processo de assimilação foi a criação da associação secreta Shindô-Renmei.

A associação foi criada em 1944, em um contexto de conflitos com o governo brasileiro, após a implantação das leis de nacionalização do Estado Novo (Hatanaka, 2002). A legislação proibia em todo o território nacional escolas estrangeiras e jornais que não fossem editados em português, justamente para reforçar a cultura nacional e a assimilação dos imigrantes. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, a repressão contra japoneses e alemães que descumprissem essas leis aumentaram, inclusive por conta da imagem que se tinha desses imigrantes como inassimiláveis, como inimigos da nação (Seyferth, 1997). Nesse contexto, a maioria dos imigrantes japoneses não dominava a língua portuguesa e permaneceu isolada na

sociedade brasileira, mais suscetível à manipulação de grupos nacionalistas japoneses (Willems; Saito, 1947).

Saito também comenta os efeitos das leis de nacionalização do Estado Novo sobre a comunidade japonesa em artigo de 1948, no *Jornal Paulista*. Do seu ponto de vista, era “indubitável” “que o governo visava [...] apressar a marcha da assimilação dos imigrantes e seus descendentes” (Saito, 1948b: 01). Com isso, muitas das escolas das colônias japonesas se tornaram instituições de ensino público, onde só se ensinava o português. No entanto, o que parecia ser uma boa solução para o governo brasileiro trouxe duas consequências que não teriam sido previstas: 1º) o desemprego em massa dos professores japoneses, que tinham uma possibilidade de mobilidade ocupacional muito pequena, pois raramente tinham treinamento ou experiência em outro tipo de trabalho; 2º.) o fortalecimento do sentimento nacionalista japonês entre os imigrantes, especialmente entre os mais velhos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses residentes no Brasil sofreram com o preconceito antinipônico, havendo casos de brigas de rua, prisões e batidas policiais em residências japonesas (Castro, 1994; Nucci, 2010). O fato de o Brasil estar lutando na Guerra contra o Japão tornava a vida em solo brasileiro gerou insegurança para a maioria dos japoneses e influenciava a forma como a sociedade local enxergava negativamente o imigrante japonês. Saito (1961) destaca que a Segunda Guerra foi um momento de ruptura para a comunidade japonesa no Brasil, pois, de um lado, um grupo de imigrantes não aceitava as notícias da derrota do Japão ao final da guerra e condenava todos aqueles que discordassem do seu posicionamento. Por outro, parte desses imigrantes aceitava a derrota e não enxergava mais a possibilidade de retorno ao Japão, devastado pela guerra, o que os levava à fixação no Brasil.

Neste contexto, o artigo de Willems e Saito está centrado nas motivações que levaram à criação da *Shindô-Renmei*, o perfil dos seus militantes e o respectivo papel na comunidade japonesa no Brasil. Além do evento histórico, o artigo se destaca pela preocupação em entender como ocorria o processo de assimilação dos imigrantes. Segundo os autores, “migrações entre meios culturalmente diferentes suscitam, invariavelmente, o problema da reorganização social dos imigrantes”, o que poderia gerar problemas mentais, traduzindo-se inclusive em “comportamentos indesejáveis” (Willems; Saito, 1947: 133).

Por conta desse doloroso processo, ocorreram intensos conflitos com a formação de grupos que se opunham radicalmente às mudanças. Um dos exemplos dessa oposição foi a organização *Shindô-Renmei*, com a insistência de seus membros em recusar a assimilação à cultura brasileira. Os autores afirmam que

os processos migratórios e a necessidade de adaptação cultural eram difíceis de serem enfrentadas, em especial no nível mental do indivíduo, e, portanto, resistências a elas eram esperadas. No entanto, elas deveriam ser superadas. O processo de assimilação demoraria para ocorrer e não se poderia exigir dos imigrantes japoneses o mesmo nível de integração à sociedade brasileira de outros grupos estrangeiros naquele momento, visto que ela era recente. Willems e Saito afirmam que:

Sendo a assimilação essencialmente um “time consuming process”, um processo que exige tempo e, não raro, muito tempo, o exemplo de italianos, espanhóis e outros grupos imigrados não pode ser alegado para “provar” a “inassimilabilidade” dos japoneses (Willems; Saito, 1947: 134).

Segundo os autores, apesar de recente, uma parcela significativa de japoneses já se encontravam inserida na sociedade local, colocando em questão o estereótipo da sua incapacidade de se adequarem ao meio brasileiro. Uma prova disso seria o surgimento de uma “vida associativa variada”, na qual os japoneses estariam mais integrados que outros grupos de imigrantes, chegando a frequentar inclusive escolas brasileiras na condição de moradores locais (Willems; Saito, 1947: 138). Porém, apesar dessas evidências de integração, permaneciam conflitos, principalmente em razão da lógica estadonovista e pelas dificuldades do processo de assimilação. Os autores, portanto, apontam o “cordão de isolamento” gerado pela lei de nacionalização estadonovista como uma das causas da criação de grupos nacionalistas extremistas entre os imigrantes japoneses, gerando, assim, o fortalecimento dessas correntes nacionalistas em detrimento das associações proibidas pelo governo autoritário.

Os líderes dessas associações secretas (Shindô-Renmei e Zaigo-Gunzin-Kai, Associação dos Ex-Militares) eram contra a assimilação e, em geral, eram os elementos menos adaptados, descontentes, e desejosos de voltar à pátria de origem. Inicialmente, desejava-se expandir o “espírito japonês”, investido de uma singularidade cultural, um “modo de vida japonês” que diferenciaria estes imigrantes de outros grupos étnicos, e um tipo de comportamento “ideal”, além do desejo de colaborar com a criação da “Grande Ásia Oriental” e da preocupação em manter os jovens descendentes em contato com a cultura japonesa (Willems; Saito, 1947; Kimura, 2008). A Shindô-Renmei distribuía panfletos sobre a importância da manutenção das tradições japonesas entre os imigrantes, principalmente entre os mais jovens, e defendia o apoio incondicional ao imperador (Willems; Saito, 1947).

De acordo com os militantes da associação entrevistados por Willems e Saito, o estabelecimento dos imigrantes no Brasil seria apenas temporário e exigiria neste intervalo a aquisição de recursos para o desenvolvimento do Japão. Contudo, o final da guerra e a destruição de parte do território japonês tornou inviável o retorno ao solo nipônico, fazendo com que a associação perdesse o seu principal argumento contra a assimilação. Por essa razão, ela teria começado a divulgar informações falsas sobre a vitória do Japão. Passa a haver, então, um conflito interno na comunidade japonesa no Brasil, pois aqueles que falavam português obtinham informações para além daquelas noticiadas pela Shindô-Renmei, tomando conhecimento da derrota do Japão (os chamados de “derrotistas”). Ao tentarem divulgar essas notícias para a comunidade japonesa, eram ameaçados, sendo alguns deles, inclusive, torturados e assassinados pela Shindô-Renmei (Willems; Saito, 1947; Lesser, 2001). Tais conflitos internos na comunidade foram reforçados pela proibição da circulação de jornais em língua japonesa e o consequente isolamento desses imigrantes em relação à sociedade brasileira e ao próprio mundo. Hatanaka (2002) descreve alguns casos de exclusão social de famílias e pessoas que não acreditavam na vitória do Japão dentro das comunidades agrícolas, sendo elas ignoradas pelos vizinhos e perdendo o direito de participarem das assembleias das colônias, por exemplo.

Os conflitos aconteciam também entre diferentes gerações de imigrantes. Willems e Saito destacam, por exemplo, os imigrantes da segunda geração; como eles os classificam e chamam de “imigrantes marginais”, comporiam a maior frente de resistência contra os grupos nacionalistas, pois já teriam se assimilado o suficiente para evitar “o controle ideológico da geração imigrada” (Willems; Saito, 1947:150). Isto é, eles teriam aprendido como serem brasileiros em escolas e pelo contato com a população local. Handa (1987) afirma que os “derrotistas” seriam marginais na sociedade japonesa, pois não seriam nem brasileiros nem japoneses. Ele destaca ainda que, entre muitos jovens de descendência japonesa, a Shindô-Renmei não tinha muita força, pois não se identificariam tão profundamente com a cultura japonesa como seus pais e avós. Com efeito, os desejos da Shindô-Renmei não se concretizaram em função dos mais jovens estarem se assimilando ao novo meio em que viviam e tinham pouco contato com a cultura de origem fora do ambiente familiar.

É importante destacar que Saito havia exercido um papel ativo na luta contra a Shindô-Renmei durante a existência da associação na década de 1940, principalmente quando se começa a divulgar as notícias falsas sobre o fim da guerra. Entre os japoneses “esclarecidos”, ou “derrotistas”, alguns tentaram convencer os integrantes da população imigrante sobre as mentiras que estavam sendo

contadas a eles, inclusive Saito. Segundo Castro, ele e os amigos Kenjiro Massuda e Goro Hashimoto decidiram editar panfletos informativos que “tinham por finalidade esclarecer os limites da derrota do Japão, numa iniciativa que denominava nishiki undoo (movimento de convencimento)”, no porão da sua casa. Por consequência, Saito e seus amigos foram jurados de morte pela associação secreta (Castro, 1994: 110-111).

Este artigo, segundo Limongi (2015: 165), foi um reconhecimento do papel que Saito poderia ter nos estudos sobre japoneses. Nesse sentido, Willems transfere para Saito a responsabilidade das pesquisas sobre aculturação e assimilação na ELSP, suscitando a mudança do perfil dos artigos da revista Sociologia, agora mais voltados para os estudos que privilegiavam os japoneses, deslocando, assim, as investigações acerca dos alemães. O artigo de Willem e Saito sela um encontro entre sociólogos de origem imigrante que abordaram um tema do entreguerras e do pós-Segunda Guerra, quando alemães e japoneses foram alvo de repressão. Os dois grupos de imigrantes foram reprimidos. A questão da imigração, do “grau de fusibilidade”, como diria Oliveira Vianna (1933), é anterior à Segunda Guerra. Desde os anos 1920, ele é uma questão para negros-americanos, para judeus, japoneses, alemães etc.

### O suicídio como reação à assimilação

O processo de assimilação, conforme analisado anteriormente, era doloroso e lento, e um segmento dos imigrantes japoneses não conseguiam se adequar às novas condições de existência, culminando em suicídio. Saito aborda o tema do suicídio em artigo publicado em 1953, na revista Sociologia. O trabalho traz as marcas de uma sociologia durkheimiana, que influenciava principalmente o mentor intelectual de Pierson, Robert Park (Pierson, 1964[1945]; Park e Burgess, 2014).

Saito faz um levantamento dos casos de suicídio entre os imigrantes japoneses, entendendo o suicídio como uma expressão da anomia da sociedade moderna. Segundo Durkheim, esse fenômeno emerge em contexto no qual a sociedade passa por um processo de desorganização social, fruto da modernidade, que pode se traduzir por uma mudança brusca, como a migração. Assim, situações anômicas provocam a elevação do número de suicídios, pois resultam da deterioração do tecido social que se revela na fragilização do controle das normas sobre as condutas dos indivíduos (Durkheim, 2002).

Saito inicia o artigo apresentando dados quantitativos que mostram como a taxa de suicídio nos Estados Unidos, entre imigrantes e seus descendentes, é

mais alta do que entre a população nativa. Saito se baseia em Ruth Cavan (1928, *apud* Saito, 1953: 109) para entender a possível razão desta alta taxa. Segundo ele, Cavan afirma que a adaptação do imigrante ao novo meio é um longo processo que suscita diversas situações anômicas. Em estudo semelhante utilizado por Saito, Roger Bastide (1951), ao pesquisar os casos de suicídio entre os habitantes de São Paulo, conclui que a maior taxa de suicídios seria entre os imigrantes alemães, italianos e portugueses. A taxa de suicídios dos estrangeiros era mais elevada do que se comparada aos números de seus países de origem e os de brasileiros. Segundo Saito:

Esta curiosa tendência [dos suicídios de imigrantes] não é senão um dos reflexos de uma série de conflitos que o imigrante deve enfrentar no decorrer do processo de ajustamento ao novo meio. Como o contato com a cultura estranha implica, nos imigrantes, a reorganização de sua personalidade, surgem, muitas vezes, graves perturbações mentais. São desajustamentos psíquicos, resultantes do conflito cultural a que são expostos os homens marginais (Saito, 1953: 110).

Fazendo uso do conceito de “homem marginal”, de Everett Stonequist, Saito entende que os imigrantes estariam numa situação de ambivalência, na qual não se encaixariam nem na sociedade japonesa, tampouco na brasileira. De acordo com Stonequist (1935:01), aluno de Park na Universidade de Chicago, o homem marginal estaria presente em situações biculturais ou multiculturais, sendo forçado a escolher uma cultura (em geral, a predominante). Saito continua a questão do suicídio fazendo suas as palavras de Stonequist:

A incapacidade para diagnosticar a fonte do conflito, a convicção de enfrentar um muro intransponível e os malogros pessoais, avassalam o indivíduo. O conflito mental conduz ao desânimo e talvez ao desespero. Para o adulto, significa isso uma desintegração da “organização da vida” do indivíduo – essa trama de atitudes e valores em que tem o indivíduo o seu ser e através da qual ele realiza seus desígnios. Na sua forma extrema, resulta isto em desorganização mental e suicídio (Stonequist, 1948, *apud* Saito, 1953: 110).

Saito demonstra que a taxa de suicídio entre os imigrantes japoneses é mais alta do que entre a população nativa (e entre a população do Japão). Segundo Bastide, “há simbiose entre os fatores individuais e os fatores coletivos: o social age através do psíquico, o psíquico é ajudado ou entravado pelo social” (Bastide, 1951: 47). Nesse sentido, assim como pontuado por Durkheim, Bastide

depreende que o suicídio é uma junção de questões individuais, com fatores sociais, como a desorganização da sociedade e uma mudança brusca de ambiente ou de padrão cultural. Assim, no íntimo do imigrante japonês, os questionamentos e a solidão são reforçados pela sua presença em um país estrangeiro com hábitos culturais diferentes dos seus.

Na cultura japonesa, “a falta de cumprimento de um dever ou uma censura pela sociedade é um ato em contradição com a moral, basta para que se pratique o suicídio a fim de que o seu nome não fique ‘sujo’ e sua honra seja salva” (Saito, 1953: 112). Esta seria uma forma de assumir a responsabilidade e justificar faltas ou falhas na conduta de uma pessoa. Assim, a alta taxa de suicídios entre os imigrantes se explicaria pela dimensão cultural, na qual os padrões, as causas e os meios de cometer suicídios comporiam também uma forma de reforçar a sua cultura de origem. Ao se encontrar em um meio novo, estranho e de difícil adaptação, sem a possibilidade de retorno para o Japão, o imigrante enxergaria no suicídio a sua única forma de honrar e reforçar as suas origens perante a si mesmo e aos outros. O ato final seria a forma de se autocondenar pela “vergonha” do fracasso de não conseguir se assimilar e ser bem-sucedido no Brasil. Contudo, segundo Saito, o suicídio não é necessariamente um ato calculado e racional, que possa prescindir de aspectos culturais e de “responsabilidade” dos indivíduos.

A pesquisa do artigo de Saito foi realizada com base na análise das notícias do *Jornal Paulista*, entre janeiro de 1947 e agosto de 1952, faltando os exemplares de quatro meses do ano de 1950 (Saito, 1953: 114). Foram encontrados relatos de 74 suicídios e quatro tentativas, o que resulta numa média de 13,86 suicídios por ano. Entre estes 74 casos, 40 eram homens, 31 mulheres e três casos não foram especificados. 42 eram solteiros, 29 casados, dois viúvos e um não especificado. Sobre a quantidade de pessoas solteiras, ele destaca que muitas eram crianças, que participaram de atos de suicídio coletivo, provavelmente de forma involuntária. No que tange à forma de suicídio, 58 pessoas utilizaram algum tipo de veneno, certamente pela facilidade de acesso a produtos químicos na agricultura.

Os principais motivos identificados para os casos de suicídio são: “amor” (enganados e outros) (16 casos), questões familiares (desarmonia, desajustamento conjugal, doenças na família) (13) e questão de honra (10 casos); todos estão relacionados a questões culturais (Saito, 1953: 118-119). Isto é, muitos dos problemas familiares, assim como afetivos, surgiram por desavenças entre pais e filhos em relação à escolha do parceiro. Por exemplo, o filho que se apaixona por uma brasileira. O namoro entre japoneses e brasileiros era altamente censurado pela comunidade imigrante, e mais ainda os casamentos mistos. Além

disso, Saito (1953: 120) encontrou casos de suicídios em que o motivo principal era a desestruturação da família depois da mudança para o Brasil, pois muitas vezes mecanismos de união das famílias não permaneciam mais nas relações no novo lar.

O casamento misto aparece em outros trabalhos sobre imigrantes (Willems, 1940; Willems, 1948; Saito, 1961; Saito, 1963) por ser visto como um indicador de integração de um grupo migrante. Quanto mais casamentos ocorressem entre imigrantes e descendentes com brasileiros, mais inseridos eles estariam na sociedade local. Os desafios dos matrimônios mistos não se limitavam aos japoneses, no plano do conflito geracional e cultural. Ao fazer uma pesquisa sobre imigrantes poloneses no Paraná, Saito (1963) observa que, entre os imigrantes da primeira geração, o casamento com brasileiros era quase nulo, ocorrendo alguns poucos casamentos entre imigrantes ou descendentes de alemães, austríacos e russos. Já na segunda geração, este quadro se altera um pouco, sendo registrados casamentos com brasileiros, principalmente a partir da década de 1930. Para Saito, isso poderia ser reflexo, entre outros aspectos, das políticas de nacionalização do Estado Novo, da população polonesa, denominada por ele também de “assimilação forçada”. Em suas palavras, “a situação política em que foi colocada a população polonesa pode ter sido projetada nesses casos” (Saito, 1963: 70). Ele observa também que os casamentos mistos entre poloneses e brasileiros aconteceriam mais frequentemente nos bairros onde a população imigrante era menor e, conseqüentemente, a manutenção das tradições menos controlada pelos seus vizinhos conterrâneos e o contato com brasileiros mais intenso.

Os imigrantes japoneses, por sua vez, teriam desenvolvido determinados padrões de preservação da cultura, a exemplo da organização familiar, de cunho patriarcal. Isso envolveria, por exemplo, que os jovens não escolhessem os seus cônjuges, determinados pelos pais ou responsáveis, que só escolhiam jovens japoneses. Devido à autoridade que os pais tinham, os jovens não costumavam discordar das suas escolhas. Ou seja, “um aumento da miscibilidade dos japoneses depende, em primeiro lugar, da desintegração da família nipônica no meio brasileiro” (Willems, 1948: 106-107). Esta desintegração começa a acontecer com mais frequência quando os jovens japoneses se mudam para centros urbanos, em busca de emprego e aprofundamento dos estudos (Willems, 1948; Saito, 1961), e passam a ter mais contato com a sociedade brasileira. Acontece, assim, um processo de mudança social em meio a este grupo, com seus filhos se mudando para o meio urbano e buscando empregos não somente na agricultura.

Essas mudanças sociais enfrentadas pelos imigrantes japoneses, tanto no caso dos casamentos mistos, que não levam a suicídios, como nas experiências de deslocamento da segunda geração para os centros urbanos, são partes do processo de modernização de uma sociedade. Saito (1961) considera que esses movimentos indicariam que os japoneses e seus descendentes estariam mais integrados à sociedade brasileira, aos processos de urbanização e industrialização no país nas décadas de 1950 e 1960.

Em relação ao mundo rural, tradicional, Saito se detém em casos de suicídios coletivos, sendo que os dois maiores resultaram na morte de sete e nove pessoas, respectivamente. Ambos os casos aconteceram na Fazenda Tietê, no centro da colonização japonesa em São Paulo. No primeiro caso, um irmão cometera um crime na vizinhança, maculando o nome da família, gerando o suicídio de todos os seus membros.

No segundo caso, uma família de nove pessoas teria sido acusada, no final da Segunda Guerra Mundial, de ser “derrotista” pelos vizinhos e amigos da colônia japonesa na Fazenda Tietê. A família se isolou da comunidade, saindo cada vez menos de casa. O pai se demitiu do emprego e passou a discutir com os vizinhos e, simultaneamente, foi se endividando com o governo. Quando a polícia cercou a residência, a fim de prendê-lo, a família toda cometeu suicídio. Segundo Saito,

Por estas circunstâncias, afigura-nos que a família Yoshimura perdeu seu status social, sem o qual a segregação é uma condição forçosa nas comunidades rurais, onde prevalecem os contatos primários. Esta hipótese, por nós levantada, necessita naturalmente das confirmações posteriores pelo estudo in loco do caso. Porém, uma coisa parece certa: – a causa potencial que deu predisposição à família Yoshimura para aquele ato tresloucado, foram os conflitos culturais que vêm avassalando a comunidade japonesa desde o término da Segunda Guerra Mundial (Saito, 1953: 130).

Dessa forma, percebemos que este caso de suicídio coletivo foi causado pelos conflitos culturais entre “vitoristas” e “derrotistas” no contexto do pós-Segunda Guerra. Saito (Saito, 1953: 125) destaca que este momento foi muito particular para a comunidade japonesa no Brasil, pois ela precisou rever seus objetivos de retorno ao Japão e lidar com conflitos internos, gerados principalmente por grupos nacionalistas japoneses que estavam reagindo negativamente à aculturação. Essas reações levaram à segregação social daqueles imigrantes que defendiam a necessidade de integração à comunidade local, e que adotavam hábitos

culturais brasileiros, como a língua portuguesa, por exemplo. Saito, portanto, aponta que, por meio de alguns dos casos de suicídio, é possível acompanhar os conflitos culturais presentes na comunidade imigrante e o processo aculturativo pelo qual passavam os indivíduos no contexto imigratório.

Considerando o impacto causado pela mudança do ambiente social do imigrante, a vida do indivíduo se desestabiliza, sem que tenha uma sociedade organizada, por meio da função social do Estado, por exemplo, que seja capaz de lhe oferecer suporte quando se encontra em dificuldades em um ambiente estranho, com padrões culturais diferentes dos seus. Por isso, enxerga-se no suicídio uma forma de retorno à sua própria sociedade (Saito, 1953: 110). Essa é a conclusão a que chega Saito, tendo em vista que o fenômeno do suicídio compõe o drama da mudança cultural e do processo de assimilação do imigrante, em que culturas em conflito passam a adquirir centralidade em suas vidas.

### Considerações finais

Os trabalhos de Saito, ora em análise, versam sobre casos de competição e conflito dos imigrantes japoneses na sociedade brasileira, oferecendo exemplos de situações em que a ausência de assimilação (ou a oposição a ela) levam a situações extremas de marginalidade na sociedade brasileira. No caso da Shindô-Renmei, aqueles que mais a apoiavam eram os menos integrados à sociedade brasileira, desejando retornar ao país de origem. Já nos casos de suicídio destacados por Saito, o conflito sociopsicológico do imigrante fica evidente, por conta da mudança de ambiente social, do choque cultural e da anomia. Além disso, ambos os artigos podem ser interpretados como uma crítica de Saito tanto aos imigrantes japoneses, que não estavam dando o seu melhor para que a experiência migratória desse certo, como ao governo brasileiro, que não soube dar o auxílio necessário a esses estrangeiros. No primeiro caso, Saito aponta que era preciso que os japoneses adotassem hábitos locais, como a língua, a fim de conseguirem se adaptar e facilitar as relações com os moradores locais. No segundo caso, ele critica o Estado brasileiro, em especial no período Vargas, por conta das políticas de nacionalização, que acabaram por isolar mais ainda os imigrantes japoneses da população brasileira.

É interessante observar que diversas questões apresentadas por Saito e Willems no primeiro artigo “Shindô-Renmei: um problema de aculturação” retornam no segundo “O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo”, e nos artigos do *Jornal Paulista*. A compreensão do imigrante como um marginal à sociedade onde está estabelecido, em constante

conflito, enfrentando o choque entre duas culturas, lidando com disputas geracionais e procurando se incorporar social e economicamente no Brasil. Os artigos são produtos de pesquisas realizadas pelos próprios imigrantes (no caso, Willems e Saito), tornando o seu olhar e as suas preocupações ainda mais sensíveis aos problemas e consequências do processo de assimilação.

Nos escritos de Saito, verifica-se a influência das pesquisas e das aulas na ELSP e, em particular, os estudos sobre imigrantes que ele passou a interpretar e a problematizar na condição de imigrante e membro da comunidade japonesa no Brasil. Nesse contexto, Saito foi um imigrante japonês que aprendeu a fazer sociologia no Brasil para que pudesse interpretar a sociedade brasileira e os demais grupos estrangeiros. Assim, a sua percepção sobre os problemas e as soluções relacionados aos japoneses no país são singulares; antes, inserem-se num contexto mais amplo. Em meio a um contexto em que as Ciências Sociais brasileiras estavam se estruturando, pesquisas sobre imigrantes e suas experiências no país ganham espaço ao serem entendidas como possíveis campos de observação dos processos de mudança social e modernização. Os estudos e escritos de Saito nos mostram que comunidades imigrantes e seus indivíduos podem servir de objetos de investigação social em um contexto em que se buscava compreender que papéis estes estrangeiros poderiam assumir na sociedade brasileira.

## Referências

- ALMEIDA, Tavares de. *Oeste Paulista*. Rio de Janeiro, Alba, 1943.
- ALVES, Andréa. Alguns temas e problemas da sociologia no Brasil: uma análise de conteúdo da Revista Sociologia (1939-1941). In: SILVA, Isabela; ALMEIDA, Rodrigo (Org.). *As Ciências Sociais em revista: temas e debates na Revista Sociologia (1939-1966)*. *Sociologia e Política*. São Paulo, 2015, pp. 179-225.
- BASTIDE, Roger. Os suicídios em São Paulo, segundo a cor. *Boletim de Sociologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo, n. 71, 1951, pp. 01-49.
- BALDUS, Herbert; WILLEMS, Emilio. *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1939.
- CASTRO, Marcos. Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito. Dissertação de mestrado, Antropologia, UNICAMP, 1994.
- DEL VECCHIO, Ângelo. Preâmbulo: As influências presentes nos anos de formação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. 2. ed. *Sociologia e Política*. São Paulo, 2009, pp. 11-26.

- DEZEM, Rogério. *Inventário Deops: módulo III, japoneses: Shindô-Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo, Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.
- DOMINGUES, José Maurício. Desenvolvimento, modernidade e subjetividade. In: MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Glaucia (Org.). *Ideias de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, pp. 71-86.
- DURKHEIM, Émile. *Le Suicide*. Paris: Quadrige/ PUF, 2002.
- EUFRÁSIO, Mário. *Estrutura urbana e ecologia humana: a Escola sociológica de Chicago (1915-1940)*. São Paulo, Ed. 34, 1999.
- FESPESP. *Anuário da ELSP*. ELSP, São Paulo, 1940.
- FESPESP. *Anuário da ELSP*. ELSP, São Paulo, 1942.
- HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo, CENB, 1987.
- HATANAKA, Maria Lucia. *O Processo Judicial da Shindô-Renmei: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil*. São Paulo, Fundação Japão, Annablume Ed., 2002.
- KIMURA, Rosangela. Shindô-Renmei. Défaite de 1945 et conflits intra-communautaires chez les japonais du Brésil. *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris, n. 71/72, 2008, pp. 123-150.
- LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo, Editora da UNESP, 2001.
- LIMONGI, Fernando. Mentores e Clientela da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil. Revista dos Tribunais*. São Paulo, v. 1, 1989, pp. 111-187.
- LIMONGI, Fernando. *Revista Sociologia*. In: SILVA, Isabela; ALMEIDA, Rodrigo (Org.). *As Ciências Sociais em revista: temas e debates na Revista Sociologia (1939-1966)*. São Paulo, Sociologia e Política, 2015, pp. 153-177.
- MAIO, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. Da Escola de Chicago ao nacional-desenvolvimentismo: saúde e nação no pensamento de Alberto Guerreiro Ramos (1940 - 1950). *Sociologias*. Porto Alegre, v. 14, p. 290-329, 2012.
- MAIO, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. 'For the establishment of the social disciplines as sciences': Donald Pierson e as Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1942-1949). *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 5, p. 343-380, 2015.
- MAIO, Marcos Chor; OLIVEIRA, Nemuel da Silva & LOPES, Thiago da Costa. (2013). Donald Pierson e o Projeto do Vale do Rio São Francisco: cientistas sociais em ação na era do desenvolvimento. *DADOS - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, n. 56/2, p. 245-284.

- MAIO, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. Entre Chicago e Salvador: Donald Pierson e o estudo das relações raciais. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, jan./abr. 2017, pp. 115-140.
- MASSI, Fernanda. Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio (org.). *História das Ciências Sociais no Brasil*. v.1. São Paulo, Revista dos Tribunais Ltda., 1989, pp. 410-460.
- NOGUEIRA, Oracy. Hiroshi Saito: 1919-1983. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 27/28, 1984/1985, pp. 447-449.
- NOVA, Sebastião Vila. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia Brasileira: Entre humanistas e messiânicos*. Lisboa, Vega, 1998.
- NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil – textos e silêncios*. São Paulo, Annablume, 2010.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. Donald Pierson e a Sociologia no Brasil, in Lucia Lippi Oliveira. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1995, p. 59-88.
- PARK, Robert; BURGESS, Ernest. Competição, conflito, acomodação e assimilação. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*. João Pessoa, v. 13, n. 38, ago. 2014, pp. 129-138.
- PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1945.
- PIERSON, Donald. Apresentação. In: SAITO, Hiroshi. O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural I. *Sociologia*. Porto-Portugal, v. 16, n. 3, 1954, pp. 248-283.
- PIERSON, Donald. *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. São Paulo, Melhoramentos, 1964.
- PIERSON, Donald. Algumas atividades no Brasil em prol da Antropologia e outras ciências. In: CORRÊA, Marisa. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960): Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. São Paulo, Vértice, 1987, pp. 29-116.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à Antropologia Brasileira – volume II – As culturas europeias e os contatos raciais e culturais*. Rio de Janeiro, CEB, 1947.
- SAITO, Hiroshi. Um retrospecto. *Jornal Paulista*. São Paulo, p. 01, 18 maio 1948b.
- SAITO, Hiroshi. O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo. *Sociologia*. Porto-Portugal, v. 15, n. 2, 1953, pp. 109-130.
- SAITO, Hiroshi. *O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural*. São Paulo, Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956.
- SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação*. São Paulo, Editora Sociologia e Política, 1961.
- SAITO, Hiroshi. *Contenda – assimilação de poloneses no Paraná*. São Paulo, Editora Sociologia e Política, 1963.

- SCHPUN, Mônica Raisa. L'Immigration japonaise au Brésil: six générations en un siècle. *Cahiers du Brésil Contemporain*. Paris, v. 71-72, 2009, p. 25-56.
- SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 1997, pp. 95-131.
- SIMÕES, Júlio. Apresentação. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. São Paulo, Sociologia e Política, 2009, pp. 35-42.
- STONEQUIST, Everett. The Problem of the Marginal Man. *American Journal of Sociology*. Chicago, v. 41, n. 1, Jul. 1935, pp. 01-121.
- TANIGUTI, Gustavo. Cotia: imigração, política e cultura. Tese de doutorado, Sociologia, USP, 2015.
- TRUZZI, Oswaldo. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. *DADOS*. Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, 2012, pp. 517-553.
- VALLADARES, Licia. Apresentação. In: VALLADARES, Licia. *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Ed. da UFMG/IUPERJ, 2005.
- VIANA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. 2. ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1933.
- WILLEMS, Emilio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil: Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1940.
- WILLEMS, Emilio. *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo, USP, 1948.
- WILLEMS, Emilio; SAITO, Hiroshi. Shindô-Renmei: um problema de aculturação. *Sociologia*. Porto-Portugal, v. 9, n. 2, 1947, pp. 133-152.

Recebido em: 18/11/2019

Aprovado em: 11/11/2020

### **Como citar este artigo:**

COTRIM, Aline de Sá; MAIO, Marcos Chor. O nascimento de uma produção sociológica: os estudos de Hiroshi Saito sobre a imigração japonesa no Brasil (1947-1953). *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 1, jan.- abril 2021, pp. 201-227.